

ROTAS DE PASSAGEM DAS JÓIAS DE FAMÍLIA: GÊNERO, PARENTESCO E AFETOS ENTRE IMIGRANTES SÍRIOS NA CIDADE DE PELOTAS, RS.

DIAS, Nara Regina Borges¹; RIETH, Flávia².

¹ Universidade Federal de Pelotas – nara_regina_dias@hotmail.com
Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O trabalho, ainda em fase preliminar, busca compreender as relações na família a partir da herança de jóias recebidas pelas mulheres da descendência sírio libanesa Xalista, residentes na cidade de Pelotas, RS. Atenta-se para as relações entre pessoas e objetos, considerando as *rotas de passagens* (APPADURAI :2008) dos braceletes de ouro crivados de rubis que são herdadas em função do casamento das filhas mulheres.

Esses objetos chegaram ao Brasil por volta dos anos trinta, no Rio de Janeiro, depois de saírem da Síria no continente africano, passaram por várias cidades até chegarem a Pelotas. As jóias já percorreram quatro gerações de mulheres da família Xalista, constituindo um percurso com *desvios* em razão da trajetória social dessas mulheres e os critérios de passagem dessas peças.

Conforme APPADURAI (2008) os objetos têm agência social, assim como constituem laços de pertencimento. Neste sentido, mistura-se o valor sentimental, por serem consideradas jóias de família e o valor comercial que tem valor agregado, sendo por isso utilizado como bem de penhora. Em todas as relações sociais os objetos estão presente na vida das pessoas (GONÇALVES: 2007), o que nos motiva a pensar o contexto familiar a partir da cultura material.

2. METODOLOGIA

A realização do trabalho etnográfico situa este estudo no campo da antropologia, que consiste em uma abordagem dinâmica e qualitativa implicada na relação do antropólogo com seus interlocutores (CARDOSO DE OLIVEIRA:1998).

Fez-se uso de narrativas orais e entrevistas semi estruturadas com as interlocutoras, nesse caso duas mulheres na faixa etária dos setenta anos que estão incumbidas de passar as jóias às mulheres da família.

O fator de relevância nesse trabalho foi a nossa inserção no ambiente familiar dessas mulheres. Nossos encontros foram quinzenais para as chamadas *conversas de mesa*, como elas se referiam às situações de entrevista, na qual registravam através das lembranças a trajetória da família por intermédio dos objetos. O trabalho foi desenvolvido entre os meses de julho e agosto de 2013, para compormos esta primeira etapa fizemos uso de entrevistas semi estruturadas com duas interlocutoras com o objetivo de conhecer a história da família Xalista, a experiência de imigrantes sírios libaneses no Brasil.

A proposta dessa pesquisa é a (re) construção dessas trajetórias desde a saída da Síria no começo do século XX até o presente momento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa etnografia das *rotas de passagem* nos reporta à história de vida de Dona Xalista, já falecida, que na época da chegada ao Brasil, nos anos trinta, era uma jovem mulher de 27 anos que vinha casar-se com seu pretendente escolhido por sua família. Desce de um navio no Rio de Janeiro e de lá faz mais uma longa viagem para chegar a Pelotas, seu destino final.

Deste matrimônio nascem seis filhos, quatro mulheres e dois homens. Dona Xalista não falava o português, mas comunicava-se em arábico, francês e inglês, pois o seu país fora invadido pela França e pela Inglaterra por ocasião da I e II Guerras Mundiais. O casal cria seus seis filhos com muitas dificuldades financeiras, Seu José trabalhava como caixeiro viajante e Dona Xalista era do lar. Somente a filha mais velha comunicava-se em árabe com a mãe, o que é percebido pelos filhos como a causa de não saberem ao certo a história da família e a experiência de vida da mãe no Brasil. O pai comunicava-se em português com os filhos e era ele quem tomava as decisões na família. Todos os filhos estudaram e cinco deles se casaram, somente a filha mais jovem não se casou.

A filha mais velha se casa primeiro, Olga é a interlocutora desse estudo. Olga tem um único filho homem, que não herda as jóias em razão da *rota de passagem* obedecer a sucessão feminina. Esse filho casou-se e concebe uma filha, neta de Olga. O conflito aparece diante do desejo de Olga é de passar a jóia para a neta. Esta jóia pertencia a minha mãe e gostaria de ver minha neta usando-a (BOTT, 1976) ressalta as relações familiares entre os mais velhos e os mais novos.

O segundo casamento é do filho homem mais velho que concebe dois filhos homens que também não herdam as jóias da família. Esses casam-se e ainda não tem filhos.

A terceira filha casa-se e concebe dois filhos homens, ainda solteiros. Essa filha, pela tradição não tem sucessão para os objetos de família.

A outra filha casa e gera uma prole de uma mulher e dois homens. Essa herda a jóia, atualmente está casada e tem uma sucessora para os pertences da avó, Dona Xalista.

O segundo filho homem, a quem não cabe a herança, casa-se e concebe uma prole com dois filhos homens e uma mulher que manifesta o direito a sucessão das jóias da família.

A filha mais jovem que não casou-se, é mãe solteira de uma filha. Essa viveu com a mãe que era viúva até a morte de Dona Xalista. O bracelete que lhe cabia ficou em poder da irmã mais velha que hoje está com mais de setenta anos e vive um conflito sobre a entrega de tal peça. Por outro lado, essa neta reivindica a herança como direito da mãe. A jovem neta em conversas lamenta dizendo que: "Como eu gostaria de ter esta jóia tão preciosa, pois não conheci minha avó, nem eu nem minha mãe podemos usar esta preciosidade."

As jóias são a construção social dessa família que constituem o valor de um povo e a relação de uma cultura feminina de uma etnia deferente, com laços fortemente preservados por esta mulher até sua morte.

Na passagem desses objetos que já têm quase um século no Brasil, observam-se *desvios* de rota em função das diferentes trajetórias que se constituíram entre as gerações e os critérios de herança. O bracelete guardado por Olga, confere o conflito sucessório atual, cabendo a Olga a resolução de estabelecer uma nova tradição que fortaleça os laços consanguinidade.

4. CONCLUSÕES

Impõem-se a continuidade do campo a fim de acompanhar a rota *de passagem* dos braceletes, isto é, a resolução desse conflitos para uma melhor para compreensão das relações na família de migrantes sírios libaneses no Brasil. Situações que se desvendam por intermédio dos objetos, pertences de família

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**. Editora da Universidade Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro, 2008.
- BOTT, Elizabeth. **Família e Rede Social**. Livraria Francisco Alves Editora S/A. Rio de Janeiro, 1976.
- CARDOSO, De Oliveira Roberto. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15. São Paulo . Editora UNESP, 1998.
- GONÇALVES, José Reinaldo Santos. Teorias Antropológicas e Objetos Materiais. In: **Antropologia dos Objetos: Coleções, Museus e Patrimônios**. Rio de Janeiro, IPHAN, 2007.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Editora Abril Cultural. São Paulo, 1984.